

A IGREJA DA BOA MORTE DE LIMEIRA: UMA AMÁLGAMA DE CONHECIMENTOS FORÂNEOS

Mateus Rosada¹ / Maria Angela Pereira de Castro e Silva Bortolucci²

Resumo

Este trabalho traça inicialmente um histórico da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, templo particular pertencente à confraria de mesmo nome, na cidade de Limeira, e trata das influências de seus construtores e entalhadores nas características do edifício. Construída em taipa de pilão, a igreja passou por várias reformas, reconstruções de trechos, modernizações e repinturas, que alteraram algumas de suas características originais, mas que, por outro lado, permitiram que o edifício se mantivesse íntegro até os dias atuais. As obras (1858-1867) e contaram com a utilização de mão-de-obra escrava e da direção de um arquiteto italiano, Aurelio Civatti, responsável pelo risco neoclássico do templo. O entalhe dos altares foi realizado logo após os trabalhos de talha em Campinas e, por características comuns às duas igrejas, acredita-se que entalhadores de Campinas, por sua vez oriundos da Bahia e do Rio de Janeiro, trabalharam também na igreja limeirense. Ela ainda teria seu frontispício reconstruído em 1893 por outro italiano, Ernesto Mugnani, já com características do ecletismo, e na década de 1920 receberia pintura decorativa elaborada mais uma vez por um italiano, Angelo Perillo, tomando o aspecto que possui atualmente. O velho templo de Limeira é resultado da contribuição de pessoas de várias partes, uma amálgama formal das ideias e conhecimentos de paulistas, baianos, fluminenses e italianos, um patrimônio único e de inestimável valor.

Palavras-chave: 1. Barroco. 2. Igreja. 3. Limeira (SP). 4. Campinas (SP). 5. História.

Origens

A Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção³ localiza-se em Limeira, município surgido em princípios do século XIX nas franjas da região canavieira paulista. O povoado, até então acanhado centro canavieiro, floresceu com o advento da cafeicultura, tornando-se, já na década de 1850, um dos mais importantes polos produtores da rubiácea. A vila enriquecida, no entanto, possuía uma igreja matriz ainda muito simples e tosca, onde “até as cabras pastavam em seu telhado” (TSCHUDI, 1980: 123) e que, como edifício referencial que era para um município, não mais condizia com situação da florescente urbe.

Ao contrário do que era de se esperar, naquele momento não se construiu uma nova matriz para Nossa Senhora das Dores: ainda era incogitável substituí-la, pois tinha sofrido seguidas reformas havia muito pouco tempo. A demonstração do fausto da cafeicultura na vila da Limeira seria feita com a construção de outro templo: a igreja particular da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção. A Boa Morte era a irmandade que agregava os homens mais abastados do município. Formada em 1856, em dois anos já construía seu templo particular, que viria a ser (e que é até os dias atuais) o mais portentoso da cidade.

1 Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (IAU-USP) | Mestre em Arquitetura e Urbanismo | agência financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

2 Professora Doutora do Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (IAU-USP) | Doutora em Arquitetura e Urbanismo | agência financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

3 O nome da irmandade ainda hoje é registrado na grafia antiga, “Assumpção”.

Na construção, utilizou-se a mão de obra escrava. A Irmandade construiu a parte da capela-mor até a cobertura. Então, recebeu a ajuda do Barão de Cascalho, José Ferraz de Campos⁴, que se prontificou a construir as paredes de taipa e a cobertura. A conclusão do templo esteve a cargo de outro nobre benfeitor, Bento Manoel de Barros⁵, Barão de Campinas, que construiu as duas torres de tijolos e executou o acabamento. (CARITÀ, 1998: 04).

Era comum, naquele período, o uso da taipa de mão nas construções mais corriqueiras, mas para construções maiores, como é o caso de solares, casas de câmara, fortificações e igrejas, os paulistas se utilizavam da taipa de pilão (ROCHA, 1988: 05), que possibilitava estruturas mais pesadas e resistentes. As paredes de taipa da Boa Morte, dado o porte do edifício, foram feitas com espessuras de 90cm a 1,35m.

O risco do templo e o primeiro italiano

De início, o desenho da igreja e o acompanhamento de suas obras estavam a cargo de Francisco José de Araújo Lima, vereador limeirense, provavelmente membro da irmandade. A partir do momento em que a capela-mor foi coberta e as paredes do corpo da igreja já estavam em andamento, o Barão de Campinas tomou a frente do empreendimento e contratou o florentino Aurelio Civatti⁶ (BUSCH, 2007: 287) (fig.01), que se tornou responsável por dirigir a obra daquele ponto até sua conclusão. Segundo alguns poucos relatos que resistiram até os dias de hoje, Civatti deu um salto de qualidade à construção, pois Araújo Lima não era profissional na área, e corrigiu alguns erros do antecessor. Por ser italiano, Aurelio Civatti com certeza teve uma formação artística que o direcionaria muito mais para o neoclassicismo, corrente estilística que vigorava em seu país natal e que ainda não havia atingido plena consolidação aqui no Brasil. Assim, a Igreja da Boa Morte, à época de sua inauguração, apresentava feições neoclássicas no exterior (fig.02), alteradas parcialmente quando o frontispício teve que ser reconstruído. Um ano antes do término da construção, a beleza do templo chamava a atenção. O refinamento da obra foi relatado em uma publicação portuguesa que tecia elogios à igreja e a seus executores:

Vamos admirar a igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, que a estampa representa [fig.02]. Este modesto templo foi começado há poucos anos pela irmandade da sua invocação. Pouco depois, o comendador José Ferraz de Campos, coronel reformado da Guarda Nacional, tomou para si esse honroso serviço, e levantou à sua custa todas as paredes do templo, que são de taipa, gastando não poucos contos de réis. Estava a obra n'este ponto quando o cidadão Bento Manoel de Barros, um dos primitivos fundadores da cidade, se encarregou de concluir o edifício à sua custa, fazendo tudo quanto é de madeira, e as torres, pintura, doirados, etc.

Os trabalhos não foram riscados por um engenheiro, por isso são desculpáveis os erros que n'elles se notam, apesar de serem dirigidos pelo cidadão F.J. [Francisco José] de Araújo Lima, cujo zelo e actividade são inexcedíveis. Mais tarde, o distinto artista italiano Aurélio Civatti, não só tem enriquecido a obra com primores de talha, mas tem remediado, tanto quanto possível, os defeitos acima mencionados. As torres são desenho do mesmo artista, que dizem ficar promptas no decurso do corrente ano, assim como a obra no interior. (AROUCHE, 1866: 207-8)

⁴ José Ferraz de Campos (Itu, 1789, Limeira, 24/09/1869) recebeu o título de Barão de Cascalho no dia da inauguração da Igreja da Boa Morte: 14 de agosto de 1867 (LEME, 1903-1905: v. IV, 35). Tinha uma das maiores tropas de muars da região: foi importante fazendeiro de Limeira e um de seus fundadores.

⁵ Bento Manoel de Barros (Araçariguama, 21/03/1791, Limeira 06/12/1873) foi o primeiro Barão de Campinas, agraciado com o título em 21 de setembro de 1870. Foi um dos principais cafeicultores do município e um de seus primeiros juizes de paz. Dois anos após seu falecimento, o título foi concedido a Maria Luiza de Souza Aranha, 2ª Baronesa e, depois, Viscondessa de Campinas.

⁶ Aurélio Civatti, entalhador, arquiteto, político e cafeicultor (Firenze, 24/12/1837, Itápolis, 24/11/1917), não tinha prática em arquitetura, mas foi responsável pelo risco de, pelo menos, quatro igrejas no país. Foi contratado pelo Barão de Campinas para dirigir a obra e entalhar a igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e Assumpção, no município de Limeira. Casou-se com Lucinda de Barros, neta do barão, e mudou-se em 1868 para São Carlos, onde foi vereador e cafeicultor. Lá edificou a igreja matriz (FALKOSKY et. al., 2005, p.14) e a de São Sebastião. Foi responsável, ainda, pela construção da nova matriz de Limeira (1872-1876). Mudou-se em 1892 para Itápolis, onde também foi vereador e membro da Guarda Nacional. Com o título de Capitão, lá faleceu em 1917. Todas as igrejas que construiu, com exceção da Boa Morte de Limeira, foram demolidas para a construção de novos templos.

Os entalhes nas mãos habilidosas de baianos e fluminenses

É interessante que, ao mesmo tempo em que a igreja recebia ornamentação neoclássica em seu exterior, o acabamento do interior ainda seguia os cânones do barroco, a despeito da formação do diretor das obras, florentino. Certamente os limeirenses conheciam os trabalhos que estavam sendo empreendidos na megalômana Matriz Nova de Campinas (a apenas 50 km de Limeira) e se sentiram na obrigação de que a nova igreja, embora menor, fosse tão exuberante em acabamento quanto a campineira. É provável que os financiadores da obra tenham exigido a Civatti que a talha fosse mais tradicional, barroca. Ademais, ainda que não se mencionem nos relatos de época, há evidências de que entalhadores que fizeram os altares da Matriz Nova de Campinas trabalharam também na Igreja da Boa Morte. Apenas um texto aborda essa questão, afirmando que:

O Barão de Campinas contratou peritos em obra de entalhes de madeira, que trabalhavam então na Catedral de Campinas, para executarem os entalhes do templo limeirense. Os entalhes foram feitos com ferramentas primitivas, sendo que a madeira e o bronze utilizados vieram de Portugal (CARITÀ, 1998:15).

Se observarmos com cuidado a talha de ambas as igrejas, da Catedral de Campinas e da Boa Morte de Limeira, perceberemos que há algumas características comuns somente a elas dentre as igrejas paulistas construídas nesse período. Os entalhes de Campinas foram executados de 1853 a 1865 (LEITE, 2004: 18-9), os de Limeira, logo após estes, de 1865 a 1867. Os dois templos são os únicos em todo o Estado de São Paulo, à exceção da Capela do Rosário de Embu (bastante anterior: de 1735-40), que possuem apliques de talha fixados no teto (fig.04 e fig.05).

Nos altares, há outras duas particularidades: em São Paulo, apenas nessas duas igrejas encontramos altares com coroamento em cúpula, forma de arremate muito comum na Bahia, mas inusual aqui: os altares paulistas eram encimados, via-de-regra, por arquivoltas concêntricas e florões planos, fossem eles verticais ou inclinados, mas é raro e extremamente localizado o uso de cúpulas para finalizar a composição: isso só ocorre nos dois templos abordados (fig.06 e fig.07). Os retábulos de ambas ainda contam com talha vazada nas cúpulas e nos tronos, técnica que também era comum no Recôncavo Baiano e não era mais executada em terras paulistas havia mais de 150 anos.

Certamente como afirmam os jornais da época, Aurelio Civatti foi responsável por entalhar a igreja e pela direção dos trabalhos, mas, pelas características que apresenta, a talha não foi realizada apenas por ele e teve a participação de outros profissionais. Para além dessa questão, os trabalhos em madeira do templo limeirense contaram com as mãos muito habilidosas em sua feitura e sua coordenação, pois possuem detalhes e acabamento extremamente refinados, denotando que os profissionais ali empregados eram altamente qualificados.

Finalmente, em 1867 a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e Assumpção era inaugurada com dois dias de ruidosas festividades (14 e 15 de agosto), que correram às expensas de Bento Manoel de Barros. Os esmerados trabalhos retabulísticos chamaram também a atenção de jornais locais da época, como o *Cabrião*, da capital:

É a Igreja da Boa-Morte da cidade da Limeira, edificada toda ella (...) sob a direcção do italiano Aurélio Civatti, habilíssimo entalhador que, além dos serviços de sua arte, ainda prestou á construção do edificio a alta direcção architectonica, em que sahio-se muito bem, embora nunca blazonasse de engenheiro architecto.

Não temos espaço para dar ao público a descrição completa das belezas do edifício, tal como nos foi dada por um artista entendido na matéria. O que podemos asseverar é que, em relação ao bem acabado e beleza de arquitetura, não tem igual entre os edifícios do mesmo gênero da província, assim como o que respeita aos primorosos trabalhos de entalhe e mais decorações (AGOSTINI, CAMPOS, REIS, 2000, p.359).

No total, os gastos de nove anos de construção ultrapassaram os 300 contos de réis (300:000\$000). Após este feito, criou-se certo mal-estar na cidade, pois a Boa Morte passou a ser o exemplar mais rico dentre as igrejas do município, ao passo que a matriz de Nossa Senhora das Dores, sempre em obras e reformas, não conseguia manter uma aparência de acabada. Mesmo a nova matriz que se construiu nos anos seguintes (1872-1876) ainda era singela em relação ao templo da confraria. A população e as autoridades limeirenses sempre tiveram um ressentimento de que a igreja principal da cidade nunca superou a Boa Morte em qualidade artística (CARITÀ, 1998).

O novo frontispício e o segundo italiano

Além da beleza da ornamentação, a Boa Morte tem uma estrutura muito bem acabada e resistente. Suas grossas paredes davam a impressão para a população que sua taipa duraria para sempre, mas apenas doze anos após a inauguração a fachada do edifício já ameaçava ruir e comprometia a segurança dos fiéis. Em 1882, a Câmara Municipal deliberou: “Indicamos que de novo se oficie a Confraria da Boa Morte exigindo que dê providências para evitar qualquer desastre proveniente do estado de ruínas que se acha o frontispício e a parede lateral direita do Templo da Confraria” (LIMEIRA, 1880-1884: 77). Semelhante notificação foi dada pela Câmara em 1885 (LIMEIRA, 1884-1889: 103v), mas a situação só foi resolvida quando, em 1893, o fazendeiro Ernesto Mugnani encarregou-se de financiar dois terços do novo frontispício de tijolos (PEREIRA, 2004: 14). A nova frontaria manteve a modenatura da porta principal e das janelas do coro, mas alterou substancialmente as características da fachada. O frontão triangular deu lugar a um circular com uma ornamentação que lembra uma coroa, bastante incomum, o que tornou a Boa morte um exemplar diferenciado. O frontão original, como mostra a figura de Júlio Arouche (fig.02), se aproximava dos padrões do neoclassicismo, enquanto que o novo desenho já mistura padrões de outras correntes, comum ao ecletismo (fig.03).

Houve outras modificações. O telhado da Igreja de taipa tinha, originalmente, beirais extensos: “a essas características [de paredes grossas] se associava também o uso de largos beirais, muitas vezes com contrafeitos que ajudavam a jogar ainda mais longe a águas da chuva, inimigas da taipa” (ROCHA, 1988: 05). Acredita-se que nessa reforma do frontispício aproveitou-se para construir as platibandas da igreja, que também são de tijolo. Essa alteração feita provavelmente para adaptar a edificação às novas normas higienistas que impediam que se jogassem as águas pluviais diretamente na via.

A pintura interna e o terceiro italiano

Após a reconstrução do frontispício a igreja manteve-se em intenso uso e foi alvo de várias reformas ao longo do século XX, que visavam adaptá-la às novas tecnologias, fazer sua manutenção ou simplesmente complementar a decoração interna. Dentre os trabalhos realizados, destaca-se a pintura decorativa interna. O templo, que tinha seu interior branco, conforme mostram as prospecções realizadas, recebeu pintura decorativa em 1908, feita pelo pintor piracicabano Joaquim Miguel Dutra (CARITÀ, 1998: 21). Essa pintura foi substituída por outra, também decorativa, que levou seis anos para ser concluída (de 1925 a 1931) e que decorou todas as paredes e o teto, esta realizada pelo pintor italiano residente em Limeira, Angelo Perillo

(BARROS, 1931: s.p.). Perillo utilizou-se de motivos fitomorfos em estêncil, tão difundidos naquele período e técnica bastante difundida em seu país de origem. O interior do templo passou a ser azul, dourado e bege. É também dele a pintura de Nossa Senhora da Assunção no teto da capela-mor.

A pintura de Perillo desgastou-se com o tempo o pintor Tertuliano Pazelli, procuraram refazê-la porém, os motivos sofreram algumas simplificações, de modo que a pintura por ele realizada, que é a que chegou aos dias atuais, ainda que de grande beleza, é artisticamente inferior à de seu antecessor (fig.06).

Mais reformas...

E o tempo, o desgaste da construção e a modernidade foram exigindo outras intervenções: entre algumas menores, para calafetação de trincas e reparos emergenciais, uma reforma, em 1925, trocou o piso do templo. O assoalho foi removido e instalou-se ladrilho hidráulico em seu lugar (CARITÀ, 1998: 23). As intempéries também castigaram a taipa de pilão da Boa Morte e em várias ocasiões o templo sofreu com o desprendimento do revestimento externo, recalques da fundação e a consequente movimentação das paredes, ataques de insetos xilófagos e até mesmo com o colapso de algumas paredes, que acabaram por ruir. Foram três casos de desmoronamento de partes do edifício. O primeiro ocorreu em 1924, quando foi necessário o rápido conserto da parede lateral que ameaçava cair, demolir a platibanda que estava suspensa para o lado de fora e reconstruí-la, refazer a pintura externa e consertar a cimalha (PEREIRA, 2004, 14). Em 1988, novo desabamento: as fortes chuvas de fim de ano causaram o colapso da parede sobre a entrada nordeste da igreja. E por motivos semelhantes, “em 1995, ocorreu desabamento da área de uma das torres” (AUGUSTI, BOSCHIERO, RUY, 2005: 5). A parede interna foi refeita em alvenaria de blocos de concreto. Apesar de tudo, os três desabamentos ocorreram em partes periféricas do edifício e não afetaram a estrutura do telhado nem a nave e sua ornamentação. Com isso, após as intervenções, a igreja conta com três sistemas construtivos em suas paredes: a taipa de pilão, a alvenaria de tijolos e a alvenaria de blocos de concreto (fig.07).

A velha igreja na dinâmica da cidade

Como se pode perceber, a Igreja da Boa Morte sofreu várias modificações nesses 155 anos que se passaram desde o início das obras. A população sempre tentou, da maneira que sabia ou que pôde, manter e melhorar o templo, demonstrando o apreço que sente pela igreja. Localizada em pleno centro da cidade, cercada por algumas das ruas mais importantes do município, seu largo é cruzado diariamente por milhares de pessoas, além dos fiéis que frequentam suas missas ou que lá se casaram. Ou seja, a Igrejinha está no dia-a-dia de muitas pessoas, o que a torna visada e querida. Seu exterior singelo em contraste com o interior ricamente trabalhado surpreende a quem a visita pela primeira vez; a grande quantidade de obras de arte (imagens, telas, retábulos, etc.) e a decoração efusiva de sua nave a fazem única: em Limeira, só naquele local se encontra um ambiente como aquele. Todos esses fatores ampliam a noção de pertencimento que a população tem para com a igreja. E ela continua viva: a confraria mantém-se em atividade e a população a visita diariamente.

Ao longo de sua história, a velha igreja recebeu contribuições de pessoas que vieram de várias partes, de artistas italianos a baianos, de fluminenses a trabalhadores da terra, que trouxeram seus conhecimentos, suas tradições e influências nas artes, arquitetura, entalhe, pintura e decoração para deixarem um pouco de si naquele local. Nas grossas paredes e nos finos entalhes da Boa Morte estão as marcas dessa rica mescla de culturas que a fizeram um exemplar tão exuberante e, ao mesmo tempo, acolhedor e singular.



Fig.01: s.d., Oswaldo Favoretto, Aurélio Civatti, Fotografia de tela de retratando o entalhador, Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Major José Levy Sobrinho, Limeira.

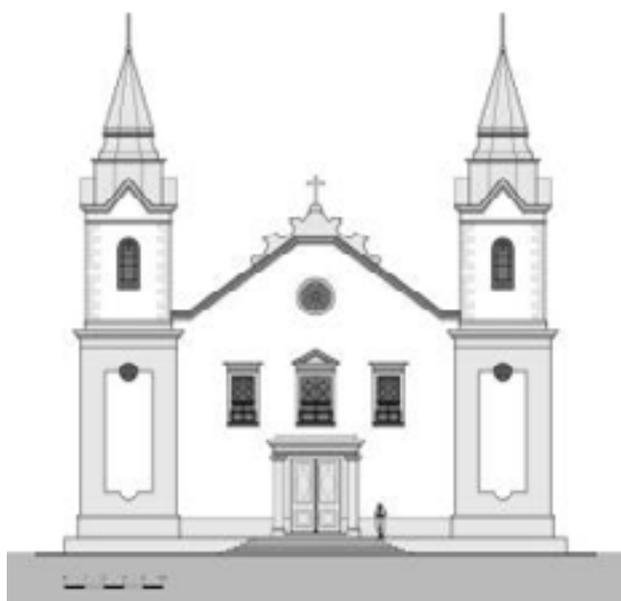


Fig.02: 2010, Mateus Rosada e Juliana Binotti P. Scariatto, Elevação da Igreja da Boa Morte em 1867 – original, desenho eletrônico, Limeira.

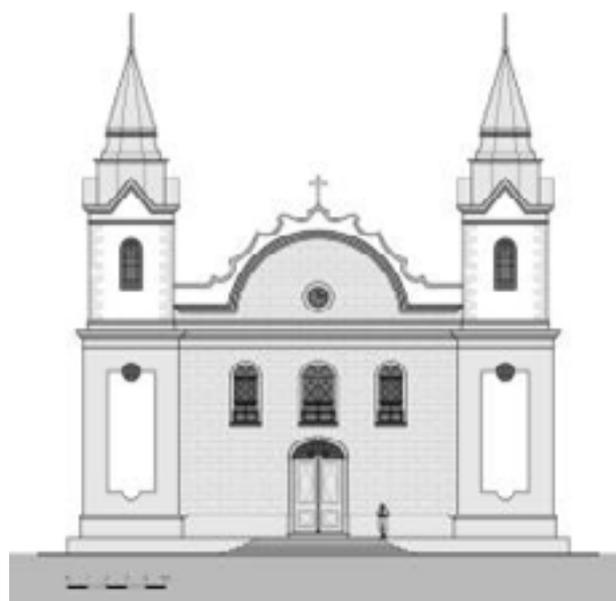


Fig.03: 2010, Mateus Rosada e Juliana Binotti P. Scariatto, Elevação da Igreja da Boa Morte em 1893 - atual, desenho eletrônico, Limeira.

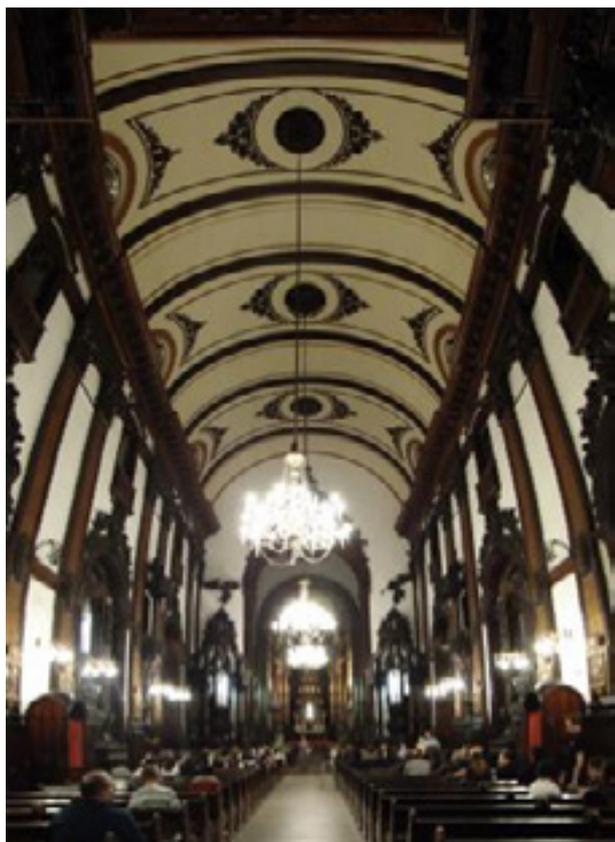


Fig.04: 2011, Mateus Rosada, Interior da Catedral Metropolitana, Fotografia, Campinas.

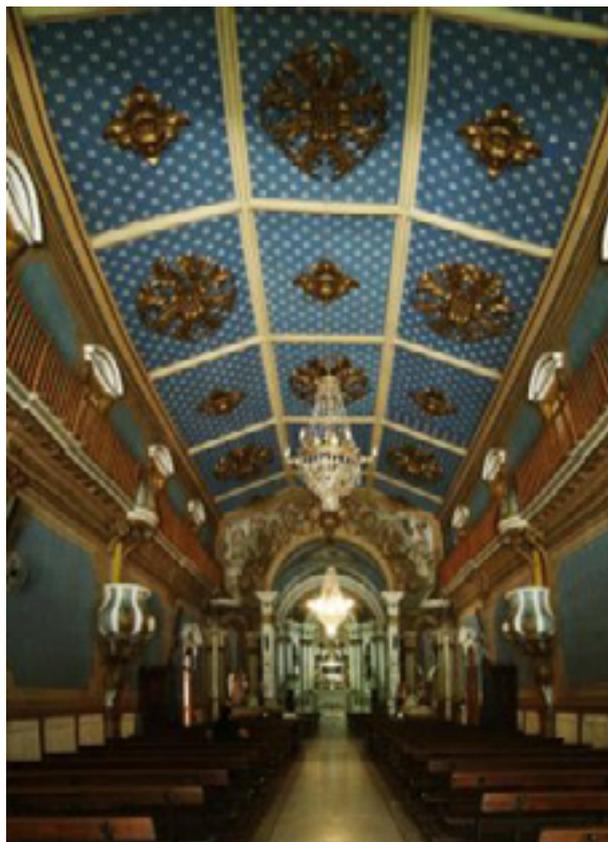


Fig.05: 2012, Mateus Rosada, Interior da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e Assumpção, Fotografia, Limeira.

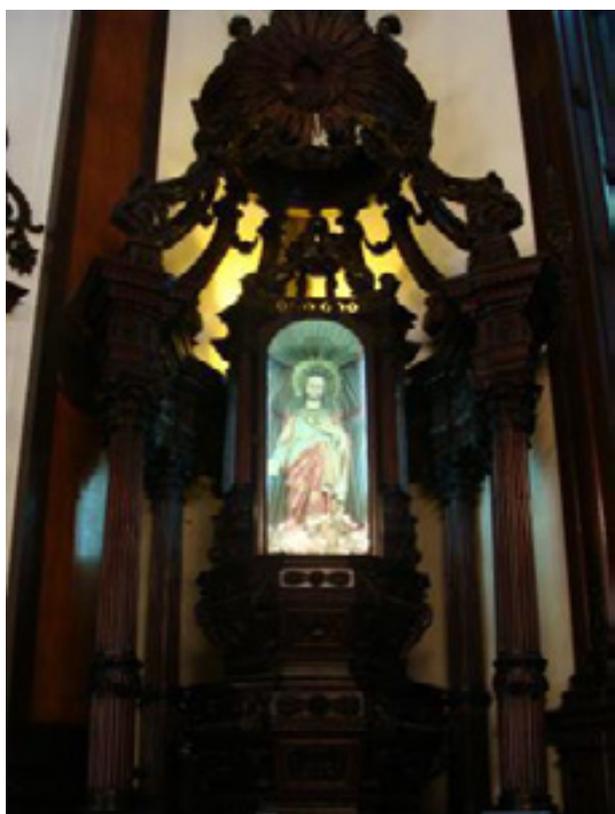


Fig.06: 2011, Mateus Rosada, Altar colateral da Catedral de Campinas, com arremate em volutas e cúpula, Fotografia, Campinas.



Fig.07: 2009, Mateus Rosada, Altar colateral da Igreja da Boa Morte, com arremate em volutas e cúpula, Fotografia, Limeira.



Fig.06: 2009, Mateus Rosada, Pintura decorativa em uma janela da estratigrafia (Detalhe), A pintura mais clara é a 1976 e a mais escura e com filetes dourados é a de 1931, Fotografia, Limeira.

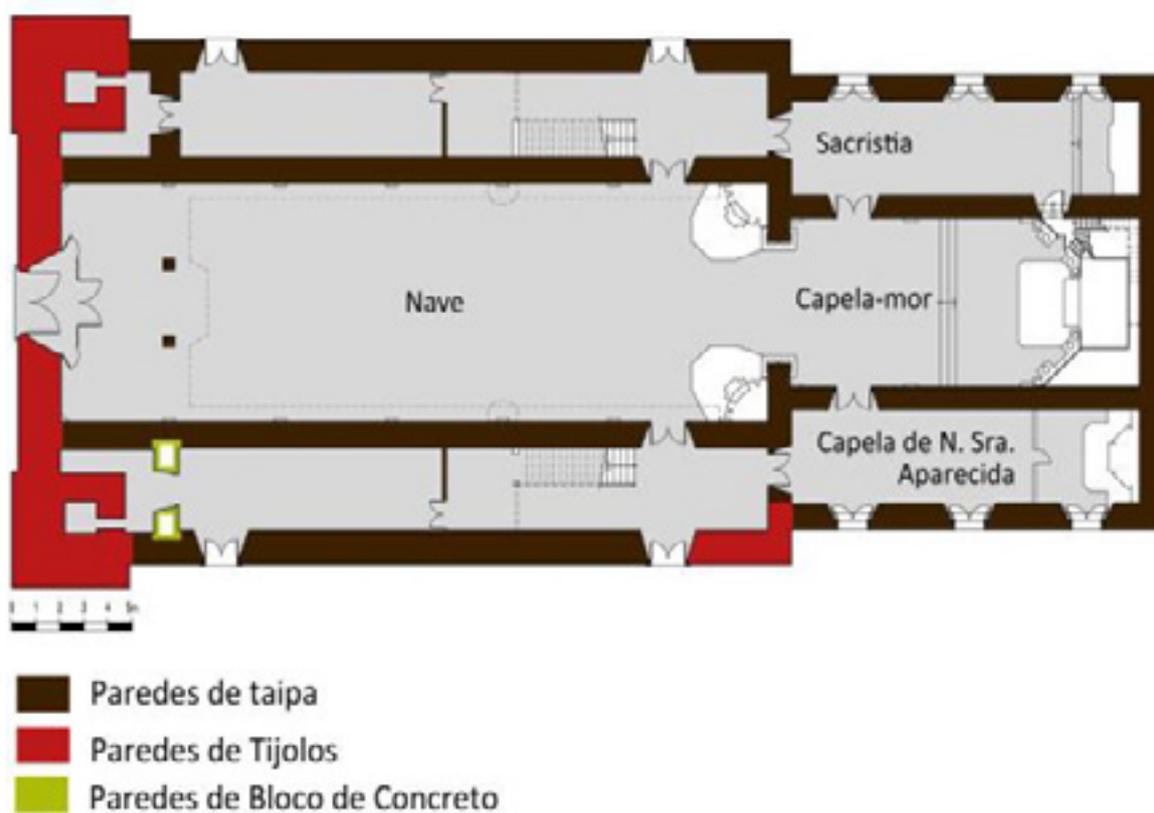


Fig.07: 2011, Mateus Rosada e Juliana Binotti P. Scariato, Planta atual da Igreja da Boa Morte, com indicação das técnicas construtivas empregadas nas paredes, desenho digital, Limeira.

Referências Bibliográficas

- AGOSTINI, Ângelo; CAMPOS, Américo de; REIS, Antonio Manoel dos. (ed.). **Cabrião**: semanário humorístico (1866-1867). 2. ed. São Paulo: Unesp, Imprensa Oficial, 2000.
- AROUCHE, Júlio de. Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, na cidade da Limeira, Província de S. Paulo. In: **Archivo Pittoresco, Semanario Ilustrado**. 9º Anno. V. 9, Lisboa: Editores Castro Irmão & Cª, 1866, p. 207-8.
- AUGUSTI, Valquíria Maria; BOSCHIERO Daniela; RUY, Daniele Poletti. **A festa e a Igreja Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção**: patrimônios a serem preservados. Caderno Virtual de Turismo, v. 5, n. 2, 2005.
- BARROS, Henrique Sampaio de. **Relatório apresentado à Assembleia Geral da Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção**, de Limeira. Limeira: o autor, 3 set 1931. Documento datilografado.
- BUSCH, Reynaldo Kuntz. **História de Limeira**. 3 ed. Limeira: Sociedade Pró-Memória, 2007.
- CARITÀ, Wilson José. **Breve História da Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção**. Limeira: o autor, 1998.
- FALCOSKI, Luis Antonio Nigro, et al. **Cooperação internacional Brasil-Itália**. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/sri/CooperacaoInternacional/Docs_CoopItaliana/AraraquaraSaoCarlos.doc>. Acesso em: 21 dez 2009.
- FREITAS, Sérgio. **A Nobreza Brasileira de A a Z**. Página transcrita do Archivo Nobiliarchico Brasileiro dos barões Smith de Vasconcellos, com adendas e correções Disponível em <<http://www.sfreinobreza.com/NobC1.htm>>. Acesso em 02 dez 2011.
- LEITE, Ricardo. **Catedral Metropolitana de Campinas, um templo e sua história**. Campinas: Komedi, 2004.
- LIMEIRA. Câmara Municipal. **Actas da Câmara Municipal**. Limeira, 1880-1884.
- _____. **Actas da Câmara Municipal**. Limeira, 1884-1889.
- PEREIRA, Juliana Binotti. **Memorial de Restauro**: Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção. Monografia (Especialização). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2004.
- ROCHA, Alexandre Luiz. A Igreja da Boa Morte e a taipa de pilão. In: **Revista Enfoque**. abr 1988. p. 05.
- ROSADA, Mateus. **Sob o signo da Cruz: Igreja, Estado e Secularização** (Campinas e Limeira, 1774-1939). Dissertação (Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Paulo. São Carlos, 2010.
- TSCHUDI, Johann Jakob von. **Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo**. São Paulo: Martins, 1953.